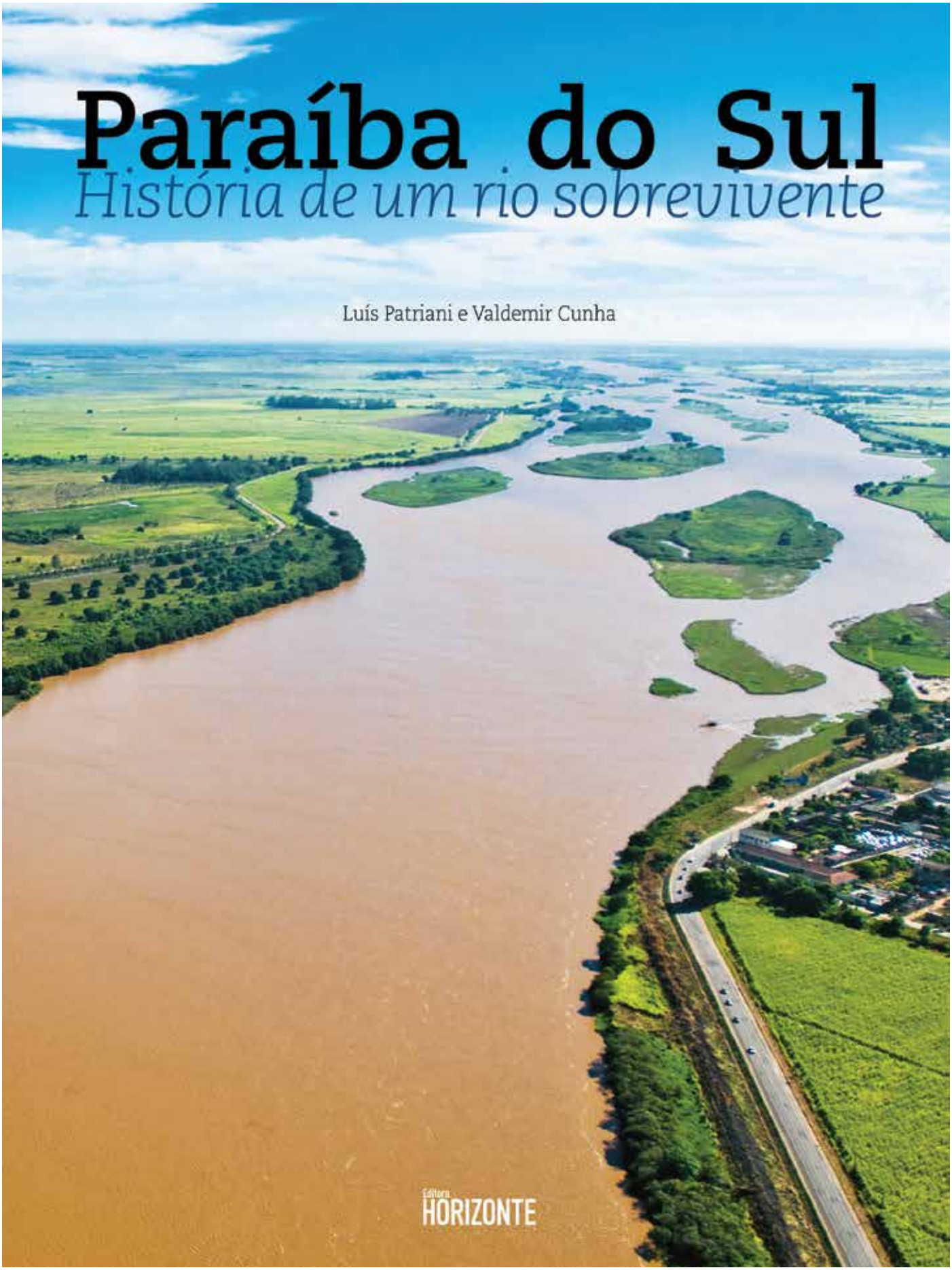
Paraíba do Sul

História de um rio sobrevivente

Luís Patriani e Valdemir Cunha



Editora HORIZONTE

Paraíba do Sul
História de um rio sobrevivente

Luís Patriani e Valdemir Cunha

Editora
HORIZONTE

sumário

10

Olho d'água

38

Rio grande

70

Vidas secas

96

Braços abertos

O Rio Paraíba do Sul se aproxima da foz e da cidade de Campos de Goytacazes, depois de atravessar uma das regiões mais desenvolvidas do País

Olho d`água

1

O tucano, assim como um quinto de todas as espécies de aves que existem no Brasil, encontra refúgio no Parque Estadual da Serra do Mar. A reserva vai desde a divisa com o Rio de Janeiro até o litoral sul de São Paulo

o coordenador e secretário executivo do CBH (Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul no Estado de São Paulo), Edilson Andrade, um dos maiores especialistas em recursos hídricos no estado, "os rios na região de suas cabeceiras estão limpos, o problema são os assoreamentos. O caso do Paraitinga é pior, pois sofre muito com o impacto causado pelo desmatamento das matas ciliares, e, principalmente, com as estradas de terra que foram construídas sem critérios técnicos às margens do seu leito, trazendo para dentro dele uma quantidade enorme de terra".

Não só os especialistas se dedicam à nobre causa do Paraíba do Sul, cuja bacia hidrográfica abrange 55.500 km², equivalente a 6% da região Sudeste do Brasil. Um dos maiores ativistas e defensores destas águas é um professor de artes apaixonado pelo rio e tudo que o cerca.

Lázaro Ferreira da Silva se envolveu com a causa ambientalista em 1992, quando começou a participar de congressos sobre o assunto. Cinco anos depois, percebeu que poderia ajudar muito se assumisse o papel de articulador entre as diferentes partes relacionadas, uma vez que o Paraíba do Sul é um rio federal (passa pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, sem falar nos 180 municípios que se beneficiam das suas águas) e envolve muitos, e, às vezes, antagônicos pontos de interesse.

Sua missão era formar a primeira câmara técnica, dentro do Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul, para elaborar um plano de educação e gestão ambiental integrado e abrangente. "A relação entre os representantes públicos das cidades por onde passa o rio estava encruada. Era preciso alguém de fora para fazer com que eles se mexessem e as decisões saíssem do escritório."

Além do trabalho político, ele criou um personagem para sua campanha em favor do Paraíba e seus afluentes, realizada por meio de palestras e expedições pedagógicas às nascentes da bacia hidrográfica.

"O Zé Paraíba é o neto do Jeca Tatu que voltou para resgatar a história, a cultura e o ambiente do vale", diz ele, referindo-se ao personagem criado por Monteiro Lobato no livro *Urupês*, publicado em 1918, e que consolidou a imagem do trabalhador rural do Vale do Paraíba.

Em uma dessas saídas a campo, em 2006, Zé Paraíba conseguiu provar o que há muito tempo já sabia. Com a ajuda de diversos equipamentos, inclusive GPS (sistema de posicionamento global via satélite), e a participação de técnicos do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e do IGC (Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo), além de representantes de outras sete instituições, o astuto caipira mostrou para todos que a nascente do Rio Paraíba do Sul não era na cidade de Silveiras, mas sim na vizinha Areias — encerrando uma polêmica que parecia se estender indefinidamente.

Mas, agora, sua preocupação é outra: "A criação de um espaço de proteção nas áreas onde ficam as nascentes é fundamental e urgente. Não só pelo aspecto ambiental e da qualidade das águas. Um rio só pode ser saudável e respeitável se a sua origem for preservada", diz Lázaro.

Não é exatamente a situação dos rios formadores do Paraíba do Sul. O Rio Paraitinga é vulnerável, já que não há unidades de conservação em seu caminho. Já o Rio Paraibuna precisa atravessar 20 quilômetros depois de nascer para finalmente entrar no Núcleo Cunha do Parque Estadual da Serra do Mar. Algumas curvas e quedas d`água depois, já beneficiado com a exuberância das matas ciliares que o margeiam, entra no Núcleo Santa Virginia, localizado dentro do mesmo parque.

Filhote de sagui no Núcleo Santa Virgínia, no Parque Estadual da Serra do Mar. Das 111 espécies de mamíferos que vivem na Mata Atlântica, 22% estão ameaçadas de extinção, principalmente os macacos, como o mono-carvoeiro

"A juçara é muito semelhante à palmeira do açaí, típica da região Norte do Brasil. O sabor do fruto é praticamente o mesmo e chega até a ter mais cálcio em sua composição. É um excelente antioxidante. O Núcleo Santa Virgínia, junto com a ONG Akarui e o Instituto Ipema, está capacitando as comunidades nos municípios de São Luiz do Paraitinga e Natividade para conseguirem ganhar dinheiro com a venda da polpa, mudas e sementes."

O cultivo da palmeira juçara ecologicamente correto é uma das ações que prometem revolucionar a relação dos produtores rurais com o meio ambiente, servindo, inclusive, de grande incentivo para que eles participem de outro importante projeto no Vale do Paraíba: os corredores ecológicos.

"O projeto da palmeira juçara é uma das chaves para dialogar com o pequeno agricultor e pecuarista. A partir do plantio sustentável, nós podemos estimulá-los a preservar as matas ciliares e os topos de morro, que são os principais meios para a viabilização dos corredores ecológicos entre as unidades de conservação permanentes", diz Paulo Valladares, secretário executivo do projeto, fruto da iniciativa entre a empresa Fibria e os institutos Ethos e Oikos.

Se tudo andar conforme o planejado, a meta é recuperar 150 mil hectares de área desmatada nos próximos dez anos. O desafio de conectar o Parque Nacional da Bocaina e o Parque Estadual da Serra do Mar com a Serra da Mantiqueira é grande. Entre os maciços fica simplesmente o Vale do Paraíba, que em alguns pontos chega a ter 120 quilômetros de largura, sem falar nas rodovias Dutra e Carvalho Pinto, que passam bem no meio dele. "A solução para

O Rio Paraitinga não encontra fontes poluidoras durante sua passagem pela Serra do Mar. As cachoeiras também contribuem muito com a oxigenação da água

A procissão dos anjos na festa do Divino Espírito Santo não perde a autenticidade. Até hoje as crianças de São Luiz se envolvem com o tradicional evento religioso

fazer um canal ligando os dois reservatórios. No dia da inauguração, o presidente Ernesto Geisel veio para apertar o botão que iria detonar parte de uma montanha para abril a valeta. Só que os técnicos calcularam errado e a montanha foi pelos ares. Não sobrou nada dela e a explosão acabou formando um imenso lago", relembra Luiz Gonzaga dos Santos, ex-prefeito de Paraibuna e ex-presidente do CBH (Comitê de Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul no Estado de São Paulo).

À medida que o reservatório ia enchendo, a perspectiva de vida de muitos agropecuaristas se esvaziava. "As águas inundaram as melhores propriedades produtoras de leite da região, além de cobrirem as cidades de Natividade e Redenção da Serra, que tiveram de ser reconstruídas em lugares mais afastados. A cidade de Paraibuna tinha duas usinas de leite que produziam 70 mil litros por mês. Hoje elas não existem mais, e a produção não chega aos 10 mil litros", afirma o ex-prefeito Luiz Gonzaga dos Santos, sem deixar de dizer que a indenização paga foi pequena, e muitas pessoas tiveram que se mudar para trabalhar na indústria ao longo da rodovia Dutra.

Assim como o morro explodido por Geisel, a piscosidade dos dois rios também despencou. "A pesca profissional diminuiu muito", afirma o morador local Rodolfo Siqueira de Campos, que ainda sobrevive da pescaria, só que feita no grande lago, onde mora em uma das 280 ilhas, melhor dizendo, os topos de morros que conseguiram ficar acima da água. Peixes como a piabanha, pirapitinga, corimbatá e piapara precisam subir o rio para desovar, mas as barragens não têm o sistema de escadas que permitem a transposição. A solução paliativa encontrada pela Cesp (Companhia Energética de São Paulo), que controla o reservatório, foi promover a criação destes peixes cujos

O forno da arte

A cidade de Cunha não é conhecida apenas por ser o berço do Rio Paraibuna e o lar da maior frota de fuscas do Brasil. Ela produz também a melhor cerâmica de alta temperatura do País. A reputação de grande celeiro criativo remonta a 1975, quando o arquiteto português Alberto Cidraes e o casal de ceramistas japoneses Toshiyuki e Mieko Ukeseki decidiram montar um ateliê no município. O grupo trouxe consigo a técnica Noborigama, uma arte milenar do Japão que transforma o barro em pedra em fornos que chegam a atingir 1.300 °C.

Ao longo do tempo, outros ceramistas se instalaram na cidade, e até moradores cunhenses se interessaram pela diferente forma de fazer cerâmica.

Cunha tem atualmente vinte ateliês, dos quais cinco utilizam o forno original. O restante faz a queima do barro usando gás ou energia elétrica.